



CONVÍVIO

Domingo II da Quaresma –
Ano C
24 de Fevereiro de 2013
Série II – Número 358

Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Amadora



«Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago e subiu a um monte para orar. (...) Nisto apareceram dois homens que falavam com Ele. Eram Moisés e Elias, rodeados de uma luz celestial, a falar da sua morte, que ia cumprir-se em Jerusalém»

Lucas 9, 28.30

Leituras – Domingo II da Quaresma

Leitura I – Gen 15, 5-12.17-18

Salmo – 26, (27) 1.7-8.9abc.13-14 (R. 1a)

Refrão: O Senhor é a minha luz e a minha salvação.

Leitura II – Filip 3, 17 – 4,1

Evangelho – Lc 9, 28b-36

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo,
Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago
e subiu ao monte, para orar.
Enquanto orava,
alterou-se o aspecto do seu rosto
e as suas vestes ficaram de uma brancura refulgente.
Dois homens falavam com Ele:
eram Moisés e Elias,
que, tendo aparecido em glória,
falavam da morte de Jesus,
que ia consumir-se em Jerusalém.
Pedro e os companheiros estavam a cair de sono;
mas, despertando, viram a glória de Jesus
e os dois homens que estavam com Ele.
Quando estes se iam afastando,
Pedro disse a Jesus:
«Mestre, como é bom estarmos aqui!
Façamos três tendas:
uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias».
Não sabia o que estava a dizer.
Enquanto assim falava,
veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra;
e eles ficaram cheios de medo, ao entrarem na nuvem.
Da nuvem saiu uma voz, que dizia:
«Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O».
Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou sozinho.
Os discípulos guardaram silêncio
e, naqueles dias, a ninguém contaram nada do que tinham visto.

Palavra da salvação

Para reflectir...

A Renúncia de Bento XVI: “De novo uma testemunha de Deus”

A renúncia de Bento XVI surpreendeu-nos, fazendo transparecer o que trazemos no coração, como sucede com os imprevistos. Aquilo que primeiro despertou a minha atenção na sua intervenção foram as palavras “plena liberdade”. O Papa apresenta este gesto, impensável antes de acontecer, como uma expressão plena da sua liberdade diante de Deus, como fruto da sua relação com Deus. Põe-nos diante dos olhos um exemplo do que significa exercer o governo sem calculismos ou estratégias.

Não é a primeira vez que o Papa nos desconcerta com as suas decisões, a começar pela escolha do seu próprio nome, passando pela sua primeira encíclica, até tantas das suas intervenções a propósito de problemas controversos. E (...), uma vez mais, obrigou-nos a perguntarmo-nos: o que é que o induz a tomar semelhante decisão? Por que razão é assim? A primeira ajuda que o Papa nos oferece (...) é não passar precipitadamente por alto a impressão que produziu em nós: esse instante de surpresa, de assombro ou perplexidade que não pudemos evitar. Um momento que sugere a presença neste mundo de um factor diferente, absoluto, não controlado pelas nossas medidas. Esta é a característica inconfundível do testemunho cristão: a testemunha leva-nos com a sua liberdade a reconhecer a presença divina na história.

Assim, Bento XVI "obriga-nos" a todos a interpretar o que fez, a propor a nossa explicação. As páginas dos jornais estão (...) cheias de interpretações. Acima de tudo é preciso acolher as suas palavras: *«Para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito; vigor este, que, nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo em mim que tenho de reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado»*. É essa a circunstância que o conduziu a mover-se numa direcção sem precedentes nos últimos séculos como é a renúncia. Confia a Igreja ao cuidado de Jesus Cristo e à intercessão da Virgem Maria. E está persuadido de assim servir o bem da Igreja. Para compreender este acto será de grande ajuda seguir esta pista que ele mesmo nos ofereceu. Ver-se-á o que há no nosso coração se, a partir de agora, aumentar em nós a

certeza de que o Espírito Santo dirige a Igreja através de todas as situações contingentes que nos toca conhecer e viver.

Havemos de ter tempo de recordar com toda a gratidão e com afecto comovido a riqueza inaudita deste pontificado. Hoje cabe-nos secundar a liberdade do Papa pondo em jogo a nossa. A máxima expressão da liberdade do homem diante do Mistério é a oração.

Javier Prades, Reitor da Universidade San Dâmaso (Madrid) 12/02/2013

Nota de esclarecimento

Porque na nossa Paróquia muita gente ainda não sabe...

**Nota de esclarecimento:
*Penitência e Renúncia Quaresmal***

A Quaresma convida-nos a fazer caminho para que, de Páscoa em Páscoa, nos dirijamos para a Páscoa que não passa, a Páscoa da eternidade, participação plena da Páscoa de Jesus Ressuscitado. A espiritualidade da Quaresma põe sempre diante da Igreja o mistério da morte do Senhor com a sua força redentora. É a certeza da fé desabrochada da vitória do Crucificado que nos chama a viver cada Quaresma como um tempo de graça através de uma renovada conversão ao amor a Deus e aos outros. **Entre os meios favoráveis a esta conversão ou purificação encontram-se as grandes “obras” da Penitência, que implicam tanto o corpo como o espírito: a Oração, o Jejum e a Esmola.**

A tradicional Mensagem de Quaresma que todos os anos o Papa dirige a toda a Igreja e as Mensagens dos bispos que a particularizam na sua aplicação às Igrejas Diocesanas, destinam-se a estimular os cristãos a viverem a Quaresma com verdadeiro

empenho de conversão na esperança da renovação pascal.

De acordo com as exigências da expressão pública e actualizada da prática da esmola, enquanto “obra de penitência” tornou-se comum, depois do Concílio Vaticano II (já lá vão 50 anos!!!) dar a este gesto o nome de *Renúncia quaresmal*. O espírito desta prática vai muito para além da ideia de um “ofertório especial” para esta ou aquela necessidade concreta e local nos projectos das comunidades paroquiais; trata-se de materializar de forma consciente o sentido de conversão para dar corpo ao testemunho da caridade. É sempre o bispo que define o destino anual a dar ao fruto desta Renúncia, que é distribuída para socorrer situações mais urgentes de pobreza ou para ajuda à carência de instituições religiosas e sociais da sua Igreja diocesana ou mesmo de outras Igrejas irmãs, noutra partes do mundo, como tem acontecido muitas vezes com a Renúncia quaresmal das comunidades do Patriarcado de Lisboa.